

Tribuna Operária

ANO V — Nº 170 — DE 4 A 10 DE JUNHO DE 1984

Cr\$ 300,00

Amigo leitor, este jornal custa Cr\$ 300,00 mas, se você puder, pague Cr\$ 500,00 para ajudar a reconstruir nossa sede destruída pelo terror fascista.

LATIFÚNDIO MASSACRA POSSEIROS NA BAHIA

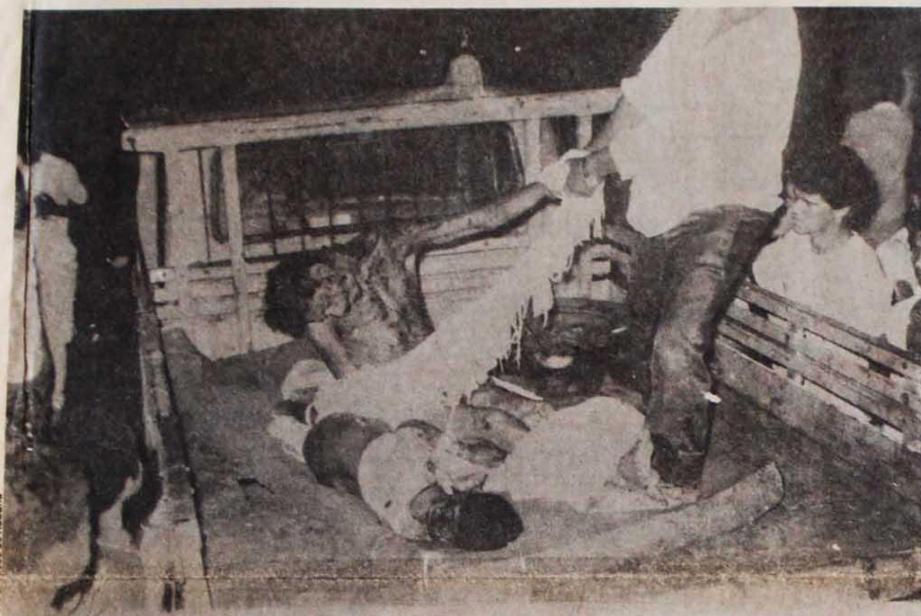


Foto Divulga de Itabora

Os cadáveres de João Celestino e seu filho chegam à cidade, com as cabeças quase separadas dos corpos

Uma família inteira da gleba de João Ce- foi assassinada e teve lestino — continua em as cabeças cortadas liberdade. A história a golpes de facão, em da chacina de Cana- Canavieiras, sul da vieiras e o drama san- Bahia. O fazendeiro grento da luta pela ter- acusado como man- ra na região encon- dante do crime — por tram-se na última pá- cobiçar os 5 hectares gina.

Imperialistas americanos dão as ordens ao Brasil

Seminário da Câmara de Comércio Brasil-EUA propõe que nosso país se torne uma Hong-Kong tamanho família. Pág. 3

Embraer vende aviões à contra-revolução

Esquadrilha de Falcões Brasileiros combaterá a Nicarágua sandinista. PC do Brasil divulga nota de protesto contra a venda. Leia na pág. 2

EDITORIAL

Quebrar o imobilismo

Articula-se no Congresso Nacional a votação da emenda Figueiredo até o final deste mês. Isto coloca para o movimento popular a imediata necessidade de retomar a pressão de massas para que as diretas-já voltem a ocupar o centro da atividade política nacional. De outro lado, alerta a todos os democratas para o risco de logo após a votação, numa situação de grande complicação política, o Congresso entrar em recesso por todo o mês de julho, segundo o calendário normal de funcionamento.

Urge portanto quebrar o imobilismo dos opositoristas vacilantes, que têm servido de obstáculo para a realização de novas manifestações de rua. Da mesma forma é imprescindível combater os interesses mesquinhos que continuam enterrando a reunificação do movimento sindical, sua mobilização e a preparação de uma greve geral pelas diretas-já.

Os setores mais combativos do Parlamento desde algum tempo estão propondo, através de documento já assinado por mais de 80 deputados, a retomada dos comícios em todo o país e a marcação de um calendário concreto para estes atos. Ao mesmo tempo, como declarou o deputado Jarbas Vasconcelos, eles consideram mais justo passar a votação da emenda para julho, mantendo o Congresso em atividade, vigilante para evitar qualquer manobra do Executivo, e ampliando as possibilidades das massas populares interterirem no processo em curso.

Estes setores tratam ainda de afunilar a batalha, precisando como objetivo a aprovação da emenda substitutiva nº 1, que recoloca em pauta as diretas-já, contra a pretensão do governo de jogar as eleições para 1.988 ou até mais para diante.

Enquanto isto, nos bastidores, prosseguem as tentativas das "elites" para chegar a um acordo

longe do povo. Mesmo entre as cúpulas, entretanto, está difícil alcançar um compromisso. Nessa área existe interesse em apressar a votação antes que as massas voltem à cena.

De certa forma facilitando as coisas para os conciliadores, corre também no Parlamento uma manobra de conteúdo diversionista, que deixa de lado a questão chave das manifestações de massas e coloca como tema central uma declaração formal de não comparecer ao Colégio Eleitoral. Os que patrocinam tal movimento tentam fugir da responsabilidade junto ao povo e ao mesmo tempo posar de radicais. Fariam melhor se usassem suas energias tratando das questões concretas pela unidade e mobilização das forças democráticas e populares pelas diretas-já.

O movimento sindical marcou uma plenária unitária para 16 de junho. Os comitês suprapartidários do Rio e São Paulo trabalham para realizar novos comícios este mês. Em Brasília realiza-se comício dia 1º. Já é alguma coisa. Podem ser as alavancas para uma nova arrancada. É hora de estimular estas iniciativas, multiplicar os contatos com todas as correntes democráticas, não medir esforços no Parlamento e junto às massas no sentido de dar prosseguimento, em grau mais elevado, ao movimento cívico para eleger imediatamente o presidente da República e dar um basta ao tenebroso reinado dos generais.

Os democratas e trabalhadores precisamos, além disto, ajudar a esclarecer e elevar a consciência das grandes massas que se levantam, na cidade e no campo, afligidas pela crise social. Estas explosões de massas não são ainda de caráter político mas a tendência é que marchem neste sentido, em combate ao regime militar. Isto pode, a curto prazo, representar um enorme reforço da luta pelas diretas-já e pela conquista da liberdade em nosso país.

Diretas-já vence as eleições para a UEE de S. Paulo

A eleição mostrou bem claro quem é quem no movimento estudantil paulista, e quem os estudantes preferem. Pág. 4

Vereadores do Brasil insistem na luta por diretas-já

Encontro Nacional, em Curitiba, propõe "retomada das mobilizações populares" pela conquista das diretas. Pág. 3



Reunidos em São Paulo, dirigentes da Conclat e CUT definem os rumos da luta sindical

Sindicatos convocam plenária de unidade pelas diretas já

Em debate, uma greve geral pelas diretas. Pág. 5



Resposta ao terrorismo: uma Tribuna Operária de 10 páginas

A partir da próxima edição, 50 dias após o atentado contra sua redação, a TO passa a circular com 10 páginas. Pág. 7



Quatro aviões Tucano foram descobertos no aeroporto de Roraima quando viajavam secretamente para Honduras.

Brasil apanhado em flagrante vendendo armas a Honduras

Uma semana depois de vender secretamente aviões Tucano à Honduras, o general Figueiredo declarou mais uma vez em Pequim que apoia as negociações para pôr fim aos conflitos da América Central. O episódio revela a política de duas faces do governo brasileiro, que declara uma coisa mas pratica outra, bem ao gosto do bandeirista presidente Ronald Reagan...

Depois que a imprensa denunciou a venda de oito aviões Tucano — fabricados pela Embraer — à Honduras, no valor de quase 20 milhões de dólares e financiados pelo governo norte-americano, o porta-voz do Ministério do Exterior ainda tentou se explicar dizendo que o Brasil não estava vendendo armas. Mas no mesmo dia o representante do governo de Honduras confirmava que as oito aeronaves seriam utilizadas no combate à guerrilha na fronteira com a Nicarágua. O fato causou viva repulsa do povo brasileiro (ver box) e protestos de outros países, como o México, Colômbia, Panamá e Venezuela, que tentam dar uma solução negociada para os conflitos daquela área.

AJUDA PARA MATAR

Em 1983 os Estados Unidos concederam 45 milhões de dólares em assistência militar a Honduras num ano em que a economia deste país diminuiu 0,5 por cento. Nos últimos doze meses os assessores militares aumentaram de 150 para 2.600. Foram construídos ou melhorados seis aeroportos a um custo superior a 50 milhões de dólares. Dois destes depois de prontos poderão receber aviões de grande porte e estão localizados na fronteira com El Salvador e outro a apenas 30 quilômetros da divisa com a Nicarágua.

Em fins de abril o coordenador da junta do governo nicaraguense, Daniel Ortega, afirmava que "a Nicarágua está cercada militarmente pelos Estados Unidos, que utilizam Honduras e Costa Rica como base para as ações armadas anti-sandini-



Bando de somozistas financiados pela CIA num acampamento em Honduras.

nistas". Neste mesma época o jornal New York Times denunciava que o Pentágono já tinha preparado toda a infra-estrutura necessária a uma intervenção direta dos Estados Unidos na América Central. O

POLÍTICA INTERVENCIONISTA

O Brasil entra assim na política abertamente intervencionista do presidente Ronald Reagan na América Central, região que considera um "quintal" de seu país. O governo de Washington se utiliza de Honduras como um acampamento militar para tentar desestabilizar o regime sandinista na Nicarágua. Os 12 mil somozistas da EDN estacionados em Honduras são pagos pela CIA para invadir o território nicaraguense e cometer toda sorte de brutalidades contra os camponeses da fronteira. Para Reagan, estes assassinos são os "combatentes da liberdade".

Para conseguir seus intentos expansionistas, o governo Reagan despeja armas e soldados para "manobras" em território hondurenho. Desde abril cerca de 8 mil soldados norte-americanos, hondurenhos, guatemaltecos e salvadorenhos participam das manobras "Granadero I". No mar 30 mil homens da marinha fazem exercícios militares no Golfo do México. Uma esquadra americana está estacionada no litoral do Pacífico e outra nas costas do Atlântico. Somente um dos porta-aviões, o *Corat 5ra* possui uma esquadilha de aviões de guerra maior que toda a Força Aérea dos países da América Central.

Solidariedade do PC do B à Nicarágua

O Partido Comunista do Brasil (PC do B) lançou uma nota em solidariedade à Nicarágua e de protesto contra a venda de armas ao governo de Honduras. Abaixo a íntegra do documento:

"Amplicuíamos com os imperialistas norte-americanos, o governo militar brasileiro vem de negociar a entrega de oito aviões T-27, Tucano, ao governo de Honduras, país que serve de base às operações antimnicaraguenses planejadas e executadas pela CIA e pelo Pentágono. É uma intervenção descarada e criminosa do Brasil no conflito envolvendo a Nicarágua que sustenta com honra e dignidade a bandeira da independência nacional e das liberdades democráticas.

"Essa atitude dos governantes brasileiros é tanto mais reprovável quanto há meses atrás, injustificadamente, detiveram aviões libícos que se dirigiam à Nicarágua em missão de solidariedade ao povo daquele país. Então, fingi-

damente, invocaram a neutralidade, que agora é posta de lado. Flagrado por outros países num ato condenável, o Planalto tenta negacear. Diz que os aviões são apenas de treinamento. Mas ficou claro que os Tucanos saíram do Brasil com pintura de camuflagem para a luta na selva e, segundo se anunciou, têm capacidade de voar baixo para confundir os sistemas de radar. E se os aviões fossem só de treinamento, o que não é correto, isto não faria mais do que comprovar a intromissão do Brasil no conflito da América Central, uma vez que o treinamento visaria ao preparo de pilotos e combatentes para intensificar a guerra suja. O fato de que esses aparelhos foram financiados por verbas da Administração Reagan dirigidas a desestabilizar o governo nicaraguense, comprova o verdadeiro destino dos T-27: participar da agressão à Nicarágua.

"Tal procedimento demonstra, ainda, que a indústria bélica bra-

sileira, que se desenvolve associada à potenciais estrangeiras, é elemento complementar da estratégia agressiva do imperialismo, notadamente o dos Estados Unidos, em luta contra os movimentos de libertação nacional em várias partes do mundo.

"O Partido Comunista do Brasil (PC do B), certo de que exprime os sentimentos nacionais, ergue veemente protesto contra a atitude do governo militar, inimigo do povo e da democracia, face à transação vergonhosa com o governo de Honduras, satélite dos Estados Unidos. E apela aos trabalhadores, às massas populares, no sentido de que manifestem, por todos os meios, firme condenação à conduta do Planalto contrária aos interesses da nossa Pátria e da América Latina.

"Todo o apoio e solidariedade à Nicarágua!
"Fora da América Central o imperialismo norte-americano espoliador e opressor dos povos de todos os Continentes!"

Continuam agressões do Iraque ao Irã

Enquanto se repetem os lances de batalha naval nas águas quentes do Golfo Pérsico e se sucedem os comunicados contraditórios das diversas fontes, o imperialismo norte-americano prossegue suas tratativas diplomáticas e medidas concretas de cunho militar, para criar condições a uma intervenção direta no conflito.

A tensão se eleva à medida que para no ar a ameaça do Iraque de "arrasar totalmente a ilha de Kharg", segundo declararam em tom de bravata porta-vozes do regime de Bagdá. Nesta ilha, alvo principal das provocações iraquianas, localiza-se o principal terminal petrolífero do I.A., por onde escoam 90% de suas exportações. Em vista disso, o Irã reiterou que bloqueará todo o estreito de Ormuz, o que criaria graves transtornos para a economia capitalista em todo o mundo. Fora declarações formais de efeito propagandístico, nenhuma das partes fez até agora gestões concretas para promover o fim do conflito que já se arrasta há quase quatro anos. Desse modo, nos últimos dias não se registraram, no teatro de operações, grandes mudanças de atitude por parte de Irã e Iraque, permanecendo o impasse.

Mas, se Irã e Iraque não alteraram no fundamental as suas atitudes, as forças imperialistas e em

particular o imperialismo norte-americano criaram fatos novos e deram passos concretos rumo a uma intervenção. Reagan chegou a sugerir em discurso pela televisão que os países "amigos" do Golfo pedissem a "ajuda" militar dos EUA, isto é, a invasão de suas tropas contra o Irã. Exibindo sua força, os generais do Pentágono declaram que os EUA têm condições de intervir militarmente em 24 horas no Golfo, em caso de obstrução do Estreito de Ormuz.

FROTAS NAVAIS CONCENTRADAS

Com efeito, é enorme o poderio bélico norte-americano na região do Golfo no em suas cercanias, o que só comprova o caráter agressivo e aventureiro desse imperialismo. Somente no Estreito de Ormuz, diante do Sultanato de Omã, traflagam permanentemente 9 navios de guerra norte-americanos. Além disso, os EUA possuem, também em Omã, uma base de radar e um aeroporto. Em bases militares da Arábia Saudita encontram-se 4 aviões AWACS da Força Aérea norte-americana. Se se acrescentar a isso as frotas francesa e britânica nas águas do Oceano Índico, tem-se a medida da concentração de forças militares do imperialismo norte-americano e de seus aliados na região conflagrada.



Mas um navio atingido por mísseis no Golfo Pérsico: a rota do petróleo ameaçada.

Mas, não se enganem os sonhadores de uma solução militar fácil. O Golfo não é o quintal dos EUA. Absolutamente, uma intervenção ali não terá a característica de um passeio, podendo acarretar perdas irrecuperáveis ao agressor.

Talvez por saber disso e vendo que até agora gorou a possibilidade de as tropas ianques serem "convidadas" a intervir, é que Reagan esteja utilizando preferencialmente no momento a tática de atacar esses países contra o Irã, como primeiro

passo para sua intervenção direta. É este o sentido do anúncio do envio de 400 mísseis STRINGER norte-americanos à Arábia Saudita, sob o pretexto de "defender este país de ataques iranianos".

Este envolvimento de Washington, em atitude de aberta provocação ao povo iraniano e de acinte à paz e à segurança internacionais, agrava a tensão e torna a situação no Golfo ainda mais complexa. Por isso, merece o repúdio dos povos árabes e dos povos de todo o mundo. (José Reinaldo Carvalho)

Princípios



8 EDITORA ANITA GARIBALDI Saiu a revista Princípios!

O trotsquismo — corrente política contra-revolucionária: artigo do veterano dirigente comunista João Amzonas criticando, de um ponto de vista marxista-leninista, as teses de Stalin de Trotsky e seus seguidores.
Em defesa da liberdade — discurso histórico de Maurício Greibus contra a passagem dos mandatos dos deputados comunistas em 1948.
O papel social da arte progressista — informe do embaixador brasileiro André Zhdanov, companheiro de Stalin, no curso de um amplo debate na União Soviética, no imediato pós-guerra, sobre a arte.
Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda., com envio de cheque nominal no valor de Cr\$ 2.500,00.

ATENÇÃO: NOVO ENDEREÇO DA EDITORA ANITA GARIBALDI: Av. Brigadeiro Luis Antônio, 317, sala 43 — CEP 01317 — Fone: 34.0569



Ajude a Tribuna Operária

Trabalhador. Democrata. Responda ao ataque dos fascistas à Tribuna Operária. Faça uma assinatura do jornal. Se não puder fazer a assinatura de reconstrução, faça uma assinatura simples. Precisamos de apoio político e material.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., no valor abaixo assinalado. Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Assinatura de Reconstrução: Cr\$ 30 mil

Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 20.000,00

Anual comum (52 edições) Cr\$ 10.400,00

Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 9.000,00

Semestral comum (26 edições) Cr\$ 4.500,00

Anual no exterior US\$ 70,00

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ Cidade _____

Estado _____ CEP _____

Profissão _____ Data _____

Atos reafirmam as diretas-já

No dia 25 último, em vários Estados ocorreram mobilizações pelas eleições diretas-já. Embora ainda sem a participação massiva dos comícios que antecederam a votação da emenda Dante de Oliveira, as mobilizações representaram uma retomada da luta. No Rio de Janeiro, no dia 26, foi realizado o Encontro Estadual pelas Diretas-Já.



No dia 25, a reafirmação da luta pelas diretas

OPINIÃO

A hora exige uma volta por cima

Por que o povo, desde o 25 de abril, não luta as praças pelas diretas? Quem possui laços efetivos com os movimentos populares nota hoje uma relativa descrença. Os grandes comícios da primeira fase da campanha mostraram-se eficazes mas insuficientes. E a "febre negociadora" que afeta boa parte da cúpula oposicionista deixou as massas com a pulga atrás da orelha. É bom frisar que as multidões não tomaram as ruas sob a guia deste ou aquele partido ou líder político. Foram movidas pela certeza de que, com todas as lideranças e legendas unidas pelas diretas-já, as coisas andariam. Enquanto agora, em meio ao denso nevoeiro "negociador", a confiança na vitória ficou um tanto obscurecida.

Isto exige dos líderes oposicionistas um esforço sincero — e urgente, pois o tempo voa — de retomada da união na luta. E para os movimentos populares coloca a pesada responsabilidade de uma volta por cima na mobilização, buscando as formas e meios que o próprio povo sabe criar, inclusive para pôr freio às vacilações nas cúpulas.

das diretas-já. A luta do povo cimenta a unidade da frente das oposições atraindo os elementos descontentes do PDS para alcançar a vitória. Qualquer negociação ou entendimento político no país só pode ter como base esta vontade do nosso povo de retomar nas suas mãos as rédeas da nação.

Os cariocas aproveitaram todas as oportunidades para expressar sua exigência de diretas-já. Assim, no recente show de Milton Nascimento, as 100 mil pessoas que lotavam a praça da Apoteose gritavam "diretas-já" nos intervalos das músicas. E na decisão da Copa Brasil, entre Vasco e Fluminense dia 27, os 128 mil torcedores presentes se uniram num só grito antes do início da partida: "Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil". (das sucursais)

Oligarquia mineira faz seu lance na sucessão

PC do B contra o embuste do governo

A grande imprensa, e também a minúscula imprensa dos revisionistas e dos trotskistas, lançaram-se na semana passada na inglória tarefa de tentar jogar lama no Partido Comunista do Brasil. Com tergiversações visavam a envolver o PC do Brasil entre os partidários da negociação com o governo. Vã tentativa. Tanto pela história de luta dos comunistas como pelo recente documento sobre o assunto divulgado pela direção deste partido, a história é bem outra.

No documento, reproduzido na íntegra na edição nº 167 da TO, o PC do Brasil argumenta que a negociação pretendida pelos militares representa "uma tentativa de frear a marcha do povo brasileiro, de sustentar o ar-

cabouço reacionário do regime antinacional e antipopular, de ganhar tempo para recompor suas fileiras em desagregação". Mais ainda, visa a transferir a luta "para o âmbito do Congresso". Relaciona-se ainda com a "intenção do governo de dividir as forças oposicionistas".

Em vista disto, o documento conclui: "Não se pode negociar a vontade expressa da nação em prol de eleições imediatas para a Presidência da República. São inaceitáveis as propostas de Figueiredo e seus parceiros".

Não admitir entendimentos — não a negociação furada proposta pelo governo — para a formação de um governo de transição, o texto deixa claro que "tal governo não pode ser entendido como de compromisso com o

regime militar. Ao contrário, só poderá ser um governo de ruptura com tal regime". Acrescenta que tal governo deve ser "aprovado pelas massas" e ter como função principal estabelecer o clima de amplas liberdades, de liquidação dos casuísmos e leis arbitrárias, de convocação de uma Constituinte, de aplicação de um plano de emergência para atender os problemas cruciantes do país e das grandes massas populares.

Assim, só pode pensar que os comunistas caem na jogada suja de abandonar o povo pelas negociações do regime quem está muito mal informado ou então quem, de má fé, pretende informar erradamente a opinião pública.

Ao voltar de sua tournée asiática, Figueiredo encontrou mais um complicador na vida política. A cruzada encetada pelo vice Aureliano Chaves durante a estadia interina no governo coloca Minas Gerais com muita força na batalha pela Presidência. É uma força que há tempos desempenha papel destacado na luta pelo poder em nosso país.

"Todo mundo conversando". É o clima que a grande imprensa apresenta. Tenta-se preparar as condições para uma "grande negociação", entre governo e oposição. Os meios de comunicação tentam inclusive envolver o PC do Brasil nesta jogada (veja box).

Conversando. E verdade. Mas não é novidade. Só que com a presença de Aureliano no Planalto isto tomou um aspecto mais liberal, mais público. E, da parte dos conciliadores, vontade de negociar com o governo existe — também há muito tempo. Mas negociar mesmo não está fácil.

Em primeiro lugar o próprio regime não tem o que oferecer. O grande anseio nacional pateado pelos grandes comícios é o fim do regime. E mesmo setores significativos das classes dominantes já perceberam que esta é a única alternativa para salvar o país da crise.

Em segundo lugar, o governo nem ao menos indicou seu interlocutor — porque não quer negociar e porque está tão fragmentado que é difícil indicar um representante sem provocar a rebeldia nas suas próprias fileiras.

Em terceiro lugar, mesmo os setores conciliadores da oposição, que se mostram dispostos a oferecer um desafogo para o regime, encontram-se inibidos, sob vigilância — por ora ainda silenciosa, mas firme — dos milhões de brasileiros que saíram às ruas por diretas-já.

OLIGARQUIA MINEIRA

No fundo, a desenvoltura de Aureliano Chaves expressa um novo fator que entra pesado na briga da sucessão: a oligarquia mineira.

Desde o governo Juscelino que as classes dominantes mineiras se lançaram em cena no



Tancredo e Juscelino: participação mineira na luta pelo poder central do país

intuito de reter as rédeas do poder central. No próprio golpe de 1964, através de Magalhães Pinto, tentaram uma nova investida, abortada pela avalanche fascista. Recentemente, a formação do PP, encabeçado por Tancredo Neves, como uma alternativa de "oposição confiável", representa

uma continuidade deste processo, mais uma vez fracassada em virtude da intransigência do regime.

Agora, tudo indica que a articulação Tancredo/Aureliano é a mais nova ofensiva desta poderosa força política, que certamente jogará papel con-

siderável na sucessão. Só vale ressaltar que no quadro da grave crise política em evolução, e com um impetuoso ascenso do movimento de massas, é muito difícil que articulações de bastidores resolvam os problemas. Sem cheiro de povo, qualquer tentativa tem pouca chance de vingar.

Múltis querem mais privilégios

Alguns fatos não merecem grande destaque da imprensa diária, mas podem nos trazer importantes lições. Assim foi com o seminário realizado pela alta cúpula das multinacionais americanas dia 23, na Câmara Americana para o Comércio com o Brasil. Os discursos dos empresários americanos foram bem claros, cínicos até. Querem o Brasil transformado em Hong-Kong.



Quem mais se destacou pela fúria colonizadora foi Robert Gerry, poderoso chefe da Ford no Brasil. "Vamos fazer do Brasil o próximo Japão automobilístico" — era seu palavreado, num tom otimista. Mas na prática a idéia é tornar o país uma grande Zona Franca.

Segundo o presidente da Ford, o Brasil tem todas as condições para construir uma poderosa indústria automobilística, capaz de exportar 1 milhão de veículos por ano (mal produzimos 700 mil hoje). Mas alinha uma série de barreiras que deveriam ser eliminadas para tanto: acabar com o requisito de que uma firma seja 100% nacional para determinados investimentos; redução dos impostos sobre os automóveis; acabar com a limitação de 51% de capital nacional para as grandes firmas exportadoras; liberalizar as taxas de remessa de lucros para fora do país; acabar com o controle de preços de automóveis; permitir que as firmas estrangeiras recebam benefícios creditícios oficiais; acabar com a reserva de mercado para a informática; liberar as importações e exportações etc.

PLANO DE INVASÃO

As propostas foram reforçadas pelo presidente da Alcoa, Alain Belda, e pelo presidente da IBM. Os empresários americanos estavam perante uma platéia de 700 empresários e defenderam sem papas na língua seus planos para nossa economia, como representantes do imperialismo lanque.

O que foi apresentado cons-

tituiu um verdadeiro plano de invasão. Depois de massacrada por três anos de recessão imposta por eles mesmos (ou por seu braço institucional, o FMI), nosso país teria que se submeter aos desenhos dos investidores que sapateiam sobre nossos destroços.

A idéia de exportar 1 milhão de veículos revela um plano maquiavélico de grandes dimensões. Os automóveis representam hoje um setor de baixa tecnologia. Mas os bens de capital necessários para sua produção em escala tão grandiosa são da mais moderna tecnologia, em particular as linhas de produção robotizadas. Os gringos querem manter dez coelhos com uma cacetada. Usam nosso mão-de-obra e nossas matérias primas baratas, vendem-nos bens de capital moderníssimos e enfrentam os japoneses.

Gerry chega a citar que no Brasil cada homem fabrica dez automóveis por ano, enquanto no Japão o índice é de 48 carros por homem. Para chegar a isso teríamos que investir pesado na automação, reafirma. Ele esconde que os japoneses ganham dez vezes mais, constroem sua própria automação e que o Japão é um país populoso de pequenas dimensões, que necessita de grandes exportações.

Este plano já está em execução. Hoje o operário da indústria automobilística ganha 4 milibres por ano, mas consome 10 carros no valor de 100 milibres. Seu salário representa 4% do valor dos automóveis. E produz bens que jamais irá consumir.

Vereadores fazem encontro nacional e exigem diretas-já

O I Encontro Nacional de Vereadores, que reuniu em Curitiba membros dos legislativos municipais pertencentes aos diferentes partidos e vindos de todo o país, concentrou sua atenção na continuidade da luta pelas diretas-já. Os vereadores decidiram "apoiar e lutar pela aprovação do substitutivo do pró-diretas" e "contribuir para a retomada das mobilizações populares como forma de pressão". Como plataforma do presidente a ser eleito diretamente, propõe a convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana, o estabelecimento da

mais ampla liberdade, o rompimento com o FMI e a suspensão do pagamento da dívida externa e um plano de emergência eficaz para aliviar a situação do povo.

Dias antes, um Congresso com cerca de 500 edis renovou a diretoria da União dos Vereadores de São Paulo elegendo a chapa "Legislativo Forte", com base num programa semelhante. Para Walter Feldman, da capital paulista, eleito secretário-geral da entidade, a vitória da chapa "representa um novo passo para lutar pela democratização do país".

Baixa do cimento desmascara a ditadura dos cartéis

De repente, no último mês os compradores de cimento viram os preços da saca de 50 quilos baixar de Cr\$ 4.400,00 para Cr\$ 1.300,00. O fato mostra como os cartéis manobram impune os preços de seus produtos. O preço do cimento caiu porque os produtores se desentenderam e iniciaram uma verdadeira "guerra" nos preços.

Um grupo de fabricantes de cimento não comoveu com o novo reajuste — que elevaria a saca de Cr\$ 4.400,00 para Cr\$ 5.300,00 — por achar que provocaria retração ainda maior no consumo. Isso fez com que outras empresas também rebaixassem os preços, provocando aumento na procura do produto. Ficou evidente a subserviência das au-

toridades a estes cartéis (grandes empresas que monopolizam a produção de uma mercadoria). O Conselho Interministerial de Preços (CIP) serve apenas para dar uma fachada legal neste tipo de manipulação de preços, pois quem dita o valor das mercadorias para a venda são na prática os monopólios que as fabricam. O governo dá apenas seu aval.

Além do caso do cimento, existem outros bastante ilustrativos. Dois outros cartéis gigantescos são os das indústrias farmacêutica e automobilística. Na década de 70 a Volks desrespeitou impunemente as tabelas do CIP. Para não ser desmoralizado de vez, o governo retirou os veículos automotores da lista dos produtos sob controle...



Os trabalhadores rurais de Campo Açu caminham mais de uma hora a pé porque o patrão não oferece condução

Lavradores capixabas enfrentam latifundiário

Os trabalhadores rurais de Itapemirim (Maratizes), no litoral sul do Espírito Santo, estão revoltados contra a intensa exploração do latifundiário Michel Simon, dono de 90% das terras cultiváveis do município. Os lavradores não têm a carteira assinada, são roubados nos salários e têm de ir a pé para o serviço. "Não aguentamos mais tanta exploração", é o desabafo deles.

Itapemirim é mais conhecida por seu balneário, um dos mais famosos do país. No entanto sua economia não é baseada exclusivamente no turismo, mas numa agropecuária extensiva, com predominância para a cana-de-açúcar e a pecuária leiteira, desenvolvidas em latifúndios. Um exemplo claro da exploração destes latifundiários ocorre na região de Campo Acima, onde Michel Simon, de origem libanesa, detém a posse de 90% das terras. Ali são cultivados cana-de-açúcar e abacaxi.

Os empregados de Michel Simon, entre eles crianças e mulheres, são vítimas de toda a sorte de exploração, a começar pelo salário-mínimo, que não é respeitado pelo patrão. Deste salário de fome, é retirada mensalmente uma importância de Cr\$ 5.000,00

de cada trabalhador. Não bastasse esse roubo, os camponeses trabalham ano após ano sem direito a carteira assinada, ao 13º salário, FGTS, PIS, férias e todos os direitos consignados na legislação trabalhista.

"NÃO AGUENTAMOS MAIS"

A insatisfação é geral entre os empregados do latifundiário Simon. Cerca de mil trabalhadores de sua fazenda de cana-de-açúcar e abacaxi estão revoltados com tanta miséria e opressão, dispostos a lutar até o fim por seus direitos. Um deles, abordado pela **Tribuna Operária**, afirmou: "Nós não aguentamos mais tanta exploração. É triste saber que esse governo suga o sangue dos trabalhadores e assim os generais vêm acabando com o povo brasileiro".

As condições de trabalho em Campo Acima são as piores possíveis. Muitas vezes os trabalhadores são obrigados a ficar dias inteiros dentro de valas alagadas, contraindo sérias e graves doenças. Também são obrigados a andar uma hora e vinte minutos por dia para ir e voltar do trabalho, pois o patrão não oferece transporte. O encarregado geral da fazenda parece um carrasco. Segundo os camponeses, quem reclama ele ameaça de "ir pro

olho da rua", tratando os trabalhadores como escravos.

JUSTIÇA DO PATRÃO

Euzébio Alves da Silva, trabalhador rural de 18 anos de idade, foi mandado embora da fazenda de Michel Simon por reclamar das péssimas condições de trabalho, em dezembro passado. Recorreu à Justiça do Trabalho contra o seu patrão. Já se passaram cinco meses e o acerto de contas ainda não foi feito, pois Simon conta com a cumplicidade da junta de conciliação e julgamento. Três audiências foram remarçadas e em nenhuma delas o seu preposto compareceu, o senhor Michel.

"Nem que demore a vida inteira eu arredo o pé — afirma Euzébio —, porque sei que luto por uma coisa que é meu direito. Por isso, não vou recuar, mas continuarei firme na luta contra a exploração de todos os trabalhadores".

O jovem camponês já está sendo considerado "uma pedra no sapato" do encarregado escravagista. Os trabalhadores mostraram a este e ao patrão que "nossa voz não está caíada, mas cada vez mais forte, pois outros trabalhadores de Campo Acima estão se encorajando a lutar por seus direitos".

(da sucursal)

Imobilismo derrotado nas eleições da UEE

Nos dias 23 e 24 de maio, foi eleita em urna para a diretoria da União Estadual dos Estudantes de São Paulo a chapa "Diretas-Já", composta pela tendência Viração, estudantes filiados ao PMDB e ao PT reunidos em torno da necessidade de reintegrar os universitários na luta política pelo fim do regime. A chapa vencedora conquistou 20.329 votos num total de 58.219.

A importância do resultado ultrapassa as fronteiras do movimento estudantil. O Estado de São Paulo reúne um contingente de mais de 400 mil universitários. Um setor que teve e tem importância decisiva na luta democrática. Não por acaso três, das quatro chapas concorrentes à diretoria da UEE, abordavam no nome a questão das diretas, apesar da diversidade de concepções quanto à questão.

Mesmo assim, observa-se uma participação ainda pequena da UEE na luta pela democracia. Os protestos realizados nas escolas contra os aumentos abusivos das mensalidades e por democracia na Universidade não têm sido canalizados para grandes manifestações políticas de rua. A situação se agravou com a eleição no ano passado de uma chapa que preferiu combater a diretoria da UNE do que o regime militar. Ignorou a campanha por diretas, boicotando iniciativas como o plebiscito nacional da UNE por diretas e a greve dos estudantes no dia da votação da emenda Dante de Oliveira. Desgastada pela própria inoperância, dividida internamente, enveredou pelo ata-



Antônio, vice-presidente eleito da UEE

que generalizado às correntes políticas que atuam no movimento estudantil, principalmente às perseguidas pelo regime.

MUDANÇAS À VISTA

Visando a reverter esta situação, a atual chapa vencedora considera em seu programa a necessidade de os estudantes participarem junto com os demais setores populares da linha de frente no combate ao regime. Privilegia a participação ativa e organizada, através de comitês, na campanha por diretas-já; a luta contra a crise em que os militares atacam a Universidade e por uma escola democrática que contribua para resolver os principais problemas do país e do povo; o fortalecimento político e

material da UEE, de suas comissões e departamentos. Com base neste programa é que foi possível forjar a ampla frente que reuniu as lideranças que se destacaram nos últimos meses de diferentes convicções ideológicas.

Para chegar à diretoria da UEE, **Diretas-Já** enfrentou alguns obstáculos, como o desgaste sofrido pela entidade; participação nas eleições pouco mais de 58 mil estudantes, quase 30 mil a menos que no último pleito. Além disso, a antiga diretoria, que apoiava a chapa "Diretas Urgente", composta por setores do PT, do PDI e da Igreja, tentou perturbar as eleições prevenindo o início do pleito, pressionou para que este fosse adiado por 15 dias. Derrotada, foi incapaz de fazer chegar a todas as escolas as cédulas para a eleição, que em algumas cidades se iniciaram com atraso de dois dias. Não satisfeita, tentou anular desproporcionadamente a votação em inúmeras escolas prorrogando a apuração final para 30 de maio. Foi inútil. A Comissão Eleitoral derrotou todas as tentativas de sabotagem. A chapa vencedora ganhou com mais de 3 mil votos à frente da segunda colocada, que obteve 17 mil votos. A seguir, vieram as chapas "Diretas Livres e Já", apoiada pela corrente Alicece, com 10 mil votos, e "Coração de Estudante", que reuniu simpatizantes do jornal "Hora do Povo", com apenas 6 mil votos. (Antônio Martins - vice-presidente eleito da UEE-SP)

Metalúrgicos de Betim em luta contra o achatamento salarial

Os metalúrgicos de Betim, próximo a Belo Horizonte, há cerca de 40 dias iniciaram uma vigorosa luta contra o achatamento de seus salários. No domingo, dia 27, recusaram a contraproposta patronal, que só aceitava discutir uma das três reivindicações — a de uma antecipação salarial de 20% em julho. Diante da intransigência dos patrões, os 700 operários presentes na assembleia decidiram não mais fazer hora-extra e trabalhar em ritmo mais lento, diminuindo a produção.

Caso as outras duas reivindicações — estabilidade por um ano e aumento de 10% a partir de maio — não sejam atendidas, cresce a possibilidade de uma greve da categoria. As exigências dos operários se baseiam inclusive na

situação econômica privilegiada das empresas. As duas maiores fábricas — a Fiat e a FMB (Fiat Motores do Brasil) —, que concentram cerca de 70% dos 12 mil metalúrgicos de Betim, em nenhum momento se abalaram com a crise. A Fiat só no ano passado exportou 72.500 automóveis e 75.000 motores para todos os continentes, faturando 295 milhões de dólares.

CRESCER ANIMO DE LUTA

Se a situação dessas empresas é tranquila, o mesmo não acontece com os seus operários. Enquanto o piso salarial dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo é de Cr\$ 225 mil, em Betim ele foi fixado no último acordo salarial em Cr\$ 119.800,00. Além do salário ser baixo, ainda ficou mais

desgastado em razão da aplicação do decreto 2.065.

Desde as explosivas greves de 78 e 79 que a categoria não vivia intensas mobilizações como agora. Haja vista que o ânimo de luta só vem crescendo. Logo no começo da assembleia, os operários da ferramentaria da FMB e do controle de qualidade do cabeçote da Fiat foram muito aplaudidos, aos ser anunciado que eles deixaram de fazer hora-extra para participarem da reunião. As duas primeiras reuniões convocadas pelo Sindicato foram pequenas, de 27 e 120 operários. Entretanto as reuniões, assembleias por fábricas e bairros convocadas pela entidade, foram decisivas para aumentar a participação da categoria. (da sucursal)

Operários da Alpagatas fazem greve vitoriosa

Os 3.800 operários da fábrica de Calçados Alpagatas, de São José dos Campos, entraram em greve nos dias 22 e 23, depois que foram demitidos 33 companheiros e havendo a ameaça de outras 200 dispensas. No final do segundo dia de paralisação, os patrões atenderam as principais reivindicações dos grevistas. Readmitiram três operários que haviam sido demitidos de maneira mais arbitrária e prometeram não fazer novos cortes dos empregados até o final da campanha salarial, em 30 de junho.

A presença da diretoria do Sindicato dos Calçados junto aos grevistas foi fundamental para a vitória. José Laurindo Portela, presidente daquela entidade de classe, afirmou à **Tribuna Operária** que "esta greve veio no momento exato, porque agora nós estamos em campanha salarial e os patrões viram que os companheiros estão unidos e dispostos a lutar por seus direitos".

Pela primeira vez, em 22 anos de funcionamento, ocorreu uma greve da Alpagatas. Portela conta que "os patrões não acreditavam que uma categoria que nunca fez greve conseguisse fazer uma com tanto êxito". Para ele, a partir desta vitória, será mais fácil negociar na campanha salarial com a empresa. Entre os 52 itens da pauta de reivindicações, há muitos pedidos básicos, como melhor alimentação, mais segurança e melhores



Os patrões não acreditavam, mas os operários ocuparam a fábrica e saíram vitoriosos

condições de trabalho dentro da fábrica.

SINDICATO PRESENTE

A atual diretoria do Sindicato dos Calçados, com poucos meses de atuação, está conseguindo tirar da entidade o caráter peleguista dado pelas direções anteriores. O tesoureiro do Sindicato, Donizete, conhecido por Tatu, afirmou que "a greve foi vitoriosa porque agora o Sindicato está

realmente nas mãos dos trabalhadores".

Nos dois dias que permaneceram acamados dentro da empresa, os grevistas mantiveram funcionando o restaurante e a enfermaria. A mesarredonda de onde se tirou o acordo com os patrões foi assessorada pelo vereador João Bosco (PMDB) e por Ari Russo, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. (da sucursal)



Reunidos em assembleia os professores paulistas decidiram somar forças com o funcionalismo

Funcionalismo público paulista obtém reajuste de 100% do INPC

Na quarta-feira, 30 de maio, após uma reunião que se prolongou por 4 horas entre representantes do funcionalismo e secretários do Estado de São Paulo, o governador Franco Montoro anunciou um reajuste de 100% do INPC ao funcionalismo estadual, que corresponde 67,5% no semestre. O piso foi reajustado em 60,1%, passando de Cr\$ 115 mil para Cr\$ 194 mil. Para algumas categorias, como o magistério, o reajuste em todo o semestre ficará sendo de 112%, pois eles tiveram reajuste de 26,7% em abril.

Lideranças dos funcionários consideram que o aumento apesar de menor do que o reivindicado representou uma conquista do movimento do funcionalismo, que inclusive conseguiu unificar suas diversas categorias em torno de uma proposta conjunta de reajuste, que seria de 100%, do INPC mais 24,8% além de outras reivindicações.

Nos 20 anos de regime militar o funcionalismo público sofreu violenta corrosão de seus salários, a exemplo do que ocorreu

com a esmagadora maioria dos trabalhadores. O índice ora conquistado não repõe as perdas do setor ao longo deste período. Mas representa um passo adiante neste sentido, já que pelo menos o reajuste corresponde ao índice do aumento do custo de vida no semestre.

A unificação do funcionalismo vem rendendo seus frutos. Se as lideranças souberem preservar a unidade conquistada na luta do movimento dos funcionários tem condições de obter vitórias mais significativas.

lançou a palavra de ordem "hoje uma todo o magistério do Estado: "Diretas-Já, de diretor a presidente da República". Foi unânime a condenação à política educacional dos governos federais e estaduais. "A missão da escola é preparar o indivíduo para influir e modificar a realidade que o cerca. No entanto a política oficial prega a passividade dos professores e alunos", observou a vice-presidente regional da Confederação dos Profes-

sores do Brasil, professora Alba Correia.

Do ponto de vista econômico, o professorado reivindicou, por aclamação, equiparação salarial dos professores aos demais servidores estaduais com mesmo nível de formação. Jarede Viana, professora e vereadora pelo PMDB, lembrou que o governador, "prometeu a equiparação até o final de seu governo. Mas o que ocorre é o contrário".

Congresso de professores em Maceió

Cerca de 2 mil alagoanos participaram, de 22 a 25 de maio, do II Congresso Estadual dos Professores, denominado Teófilo Vilela em homenagem ao senador que lutava por um Brasil livre e educação ao alcance de todos. O Congresso, ao contrário do anterior, contou com a ativa participação dos secundaristas, empenhados em reconstruir sua entidade.

O presidente da Associação dos Professores de Alagoas, Tito Cavalcanti,

lançou a palavra de ordem "hoje uma todo o magistério do Estado: "Diretas-Já, de diretor a presidente da República". Foi unânime a condenação à política educacional dos governos federais e estaduais. "A missão da escola é preparar o indivíduo para influir e modificar a realidade que o cerca. No entanto a política oficial prega a passividade dos professores e alunos", observou a vice-presidente regional da Confederação dos Profes-

sores do Brasil, professora Alba Correia.

Do ponto de vista econômico, o professorado reivindicou, por aclamação, equiparação salarial dos professores aos demais servidores estaduais com mesmo nível de formação. Jarede Viana, professora e vereadora pelo PMDB, lembrou que o governador, "prometeu a equiparação até o final de seu governo. Mas o que ocorre é o contrário".

Bancários de Goiás contra os pelegos

Pela primeira vez em 18 anos uma chapa de oposição vai concorrer às eleições para a diretoria do Sindicato dos Bancários do Estado de Goiás, a ser realizada de 9 a 13 de julho. A Chapa 2, *Integração Bancária*, foi forjada com elementos que participaram das lutas da categoria, principalmente no período em que o governo federal investiu ferozmente contra os funcionários das empresas estatais.

O Sindicato dos Bancários é dirigido, há 18 anos, praticamente pelas mesmas pessoas, que se caracterizam pelo papel assistencialista da entidade classista e pelos contatos com os banqueiros. Neste período os pelegos sempre conseguiram dissuadir, intimidar ou mesmo impugnar chapas concorrentes. Desta vez os diretores do Sindicato não foram menos ferozes. Investiram para cima dos integrantes do Movimento Integração Bancária e através da delação causaram a demissão de alguns e a transferência de outros.

O candidato a tesoureiro da *Integração Bancária*, Gervásio Ludovico, comentou à *Tribuna Operária* que a diretoria do Sindicato "não moveu uma palha no sentido de mobilizar a categoria para participar de maneira organizada em prol das Eleições Diretas. Já. Além disso, as campanhas salariais caracterizam-se pela falta de mobilização da categoria, pois a diretoria imobilista do Sindicato não convoca os bancários para discutir os principais problemas que os cercam". O conselho diretor da *Integração Bancária* é composto por Marcos Simon (BB); Lázaro Barbosa (Bamerindus); Israel Oliveira (BEG); Gervásio Ludovico (BB); Reginaldo Rocha (BEG) e Glênio Marques (Agracanal) (da sucursal).

Eleição sindical em Alagoas

Já está nas fábricas, em plena campanha, a **Força Metalúrgica**, Chapa 2, de oposição à atual diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Maceió, Alagoas. A eleição ocorrerá em 12 de julho e essa chapa opositora visa a tirar a entidade do marasmo e do imobilismo em que se encontra. Encabeçada por José Jóbson, Hulk, Carlos Ronalsa, Agostinho e Ronaldo, a **Força Metalúrgica** é composta na maioria por operários ligados à produção e tem sido bem recebida nas empresas, ganhando inúmeras adesões.

Surgida num momento em que o desemprego atinge duramente a categoria, a Chapa 2 coloca a luta contra as demissões como um dos principais pontos do seu programa de trabalho. Só nos últimos três meses, a empresa Fives Lille dispensou cerca de 150 operários, principalmente da caldeiraria e da mecânica. O desemprego já vitima 10% da categoria.

A Chapa 2 tem visitado diariamente as portas das fábricas, distribuindo seus boletins, e prepara um grande ato de lançamento. Seu slogan de campanha tem feito grande sucesso: "Chapa 2, Já!". A mais recente prova do seu prestígio aconteceu no último dia 25. O presidente da entidade convocou uma assembléia para "decidir alterações no Estatuto do Sindicato". Prevendo alguma manobra suja, a oposição convocou os companheiros para uma reunião, impedindo que nela só estivessem os diretores atuais, como sempre ocorre. Amedrontado, o presidente nem compareceu à assembléia, o que revoltou todos os presentes. (da sucursal)



"Somos de trabalho, não de conversa fiada", diz Tião; Neleu lembra o aumento dos sócios: Vital convoca: "temos que criar núcleos nas fábricas"

Chapa 1 forma núcleo de apoio nas fábricas



Juruna: "nem sindicalizações eles fazem"

"Chapa 2 ataca o Sindicato e nada fala do governo"

"Nós temos que mostrar quem é a Chapa 2", afirma João Carlos Gonçalves, o Juruna da Chapa 1, para quem "a Chapa 2 tem feito uma campanha de ataques pessoais e nós precisamos agora falar algumas verdades para a categoria". Para ele, é necessário dizer "que muitos membros da chapa concorrente não frequentam o Sindicato, tentam desgastar a diretoria e acabam enfraquecendo a luta da categoria. Não sindicalizam os companheiros, não fortalecem a nossa entidade. Na própria fábrica do Hélio, que encabeça a Chapa 2, só 26 pessoas são sócias do Sindicato".

A preocupação de Juruna é justificável, já que a Chapa 2 não tem feito outra coisa senão divulgar inverdades. Ela tem concentrado seu ataque no atual presidente do Sindicato, Joaquim Andrade, que encabeça a Chapa 1, "mas nada fala sobre os dois últimos anos de ação sindical, quando a entidade mudou, foi para a porta da fábrica, liderou várias greves, enquanto eles só jogavam pedras", acrescenta Juruna.

A Chapa 2 também tem afirmado que o Sindicato aprovou o decreto 2.065. "Isto é uma mentira. Nossa assembléia aprovou um acordo onde conquistávamos o abono de emergência, que não é o ideal, mas foi o primeiro arranhão na lei de arrocho do governo. Além disso, quem defendeu o acordo foi o Lúcio, da Ford, que hoje está na Chapa 2. Isto eles escondem, como também escondem que este ano o Sindicato dirigiu várias greves onde conquistamos 100% do INPC, como na Voith, MWM, Cibisi".

"Eles também tentam jogar trabalhador contra trabalhador, comparando os companheiros de São Bernardo com a gente", informa Juruna, que conclui: "Nossa realidade é diferente, temos mais de 10 mil empresas. E nossa preocupação é com a unidade. Quando os companheiros fizeram operação tartaruga no ABC, nós realizamos atos de solidariedade na Villares e na Volks da capital. Nós queremos unir os trabalhadores e não dividir-los, estimulando a concorrência".

"Eles parecem desesperados, só atacam o sindicato ao invés de atacar o governo federal", raciocina Nelson Aparecido, o Xepa, que revela: "Já chegamos ao ponto de convidar os companheiros da Duratex para uma reunião usando meu nome. Como o pessoal da fábrica disse que não os conhecia, que conhecia o Xepa, eles mentiram". Desde 1977 na Duratex, Xepa liderou a luta contra o fecho na empresa, sendo eleito delegado sindical e cipeiro pelos companheiros.



Xepa: "eles mentiram na fábrica Duratex"

Falta menos de um mês para a eleição no mais importante sindicato da América Latina, o dos Metalúrgicos de São Paulo, com 330 mil operários na base. Na reta final da campanha, a principal preocupação da Chapa 1, *Unidade na Luta*, é com a formação dos comitês de apoio nas fábricas. Já a chapa adversária mantém seu discurso ultrapassado (ver box).

"Agora devemos centrar todas as nossas forças na criação e dinamização dos comitês de apoio no interior das empresas", informa Eustáquio Vital, membro da executiva da Chapa 1, que explica: "Temos que concentrar todo nosso ponto nas empresas, onde existem centenas de ativistas forjados nas lutas travadas pela entidade: nas 156 greves feitas nos últimos dois anos; na greve geral de 21 de julho; nas recentes paralisações que arrebentaram com o 2.065; na nossa participação organizada na luta pelas diretas-já. Cada fábrica, mesmo onde haja apenas dois sindicalistas, deve formar seu comitê de apoio. De forma organizada, este núcleo discutirá o programa da chapa com os operários, conversará com cada um dos sindicalizados, planejará a divulgação do nosso programa na empresa e também encaminhará as lutas concretas do dia-a-dia".

Para Vital, "é na fábrica que se decide a eleição. Ativando os núcleos de apoio, nós estaremos, inclusive, criando os embriões das futuras Comissões de Fábrica". Em várias e importantes fábricas os comitês já foram criados, têm feito reuniões por seção, vendido as camisetas da chapa (cerca de 2 mil já foram vendidas) e, inclusive, planejando atividades de lazer nos fins de semana.

PROPOSTAS DE LUTA

Além da formação dos núcleos, nesta semana a **Chapa Unidade na Luta** deu um arranque na agitação externa. Os muros da capital têm amanhado com inúmeras pichações e cartazes. Com base no trabalho de aproximação do Sindicato com as entidades populares, começam a ser montados esquemas de apoio nos bairros. Na Zona Sul, mais de 60 Sociedades Amigos de Bairro já se reuniram para discutir as formas de divulgação da chapa, com vistas às casas dos metalúrgicos — distribuição do programa.

O que deu maior impulso à campanha, no entanto, foi a saída do jornal da chapa, contendo suas propostas de ação. Dentre elas destacam-se: preparação do 7º Congresso dos Metalúrgicos em setembro, visando a armar a categoria para a campanha salarial em novembro; organização efetiva das condições para a deflagração da greve geral pelas diretas-já.

A campanha começa a pegar fogo — comenta Neleu Alves, membro da chapa. Fica claro que o Sindicato se fortaleceu neste período, tanto que muita gente quer se sindicalizar. Sebastião Costa, o Tião da Siemens, também está otimista: "Os companheiros sabem que nós somos do trabalho e não de conversa fiada. Lá, na nossa fábrica, já conquistamos várias melhorias, sindicalizamos mais de 150 companheiros e todos confiam na gente".

Sindicatos farão plenária no dia 16

Após um mês de conversações e intransigências, finalmente a Conclat e a CUT aprovaram a realização de uma plenária unitária do movimento sindical para discutir a continuidade da campanha pelas diretas-já e, inclusive, a possibilidade de deflagração de uma greve geral para conquistar este anseio nacional. Ela será feita no dia 16 de junho, em São Paulo.

Em reunião realizada no último dia 30, na capital paulista, com cinco representantes da Conclat e da CUT, ficaram decididas a data, local, tema e os critérios de participação da plenária unitária. O tema do encontro será "o movimento sindical e a luta pelas diretas". Ficou estabelecido que participarão da plenária apenas um representante de cada Confederação, Federação, Sindicato, Associação pré-sindical. Quanto às entidades do funcionalismo público, que sempre geram polémicas devido à dupla representação, só poderão participar delegados de Associações estaduais e da nacional.

Para Jamil Murad, diretor do Sindicato dos Médicos e membro da Conclat, a convocação da plenária unitária tem grande importância. "Ela significa a primeira grande oportunidade dos trabalhadores exigirem as diretas de forma mais organizada. No momento em que a gente nota a vacilação das oposições e o engodo do governo militar, que fala em mandato-tampinha e em prorrogação do mandato do



Reunião da Conclat e CUT definiu os critérios da plenária unitária

Figueiredo, o movimento sindical poderá definir formas de luta mais avançadas".

BRIGAS MESQUINHAS

Francisco Urbano, diretor da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), também está otimista com a realização da plenária. "O momento nacional é de extrema gravidade. E só a insensibilidade política impediria a realização da reunião unitária".

No entanto, não faltou a tal insensibilidade política citada pelo representante da Contag. No mesmo dia da rejeição da emenda Dante de Oliveira, dia 26, Joaquim Andrade, da Conclat, e Jair Meneguelli, da CUT, divulgaram uma nota convocando a plenária nacional. "E as brigas dos grupos, a visão mesquinha, a procura da hegemonia, impediram a realização urgente da reunião. Perdemos um mês de luta e,

na prática demos forças para as indiretas, para o continuísmo do regime", critica Jamil.

Mesmo na reunião de quarta-feira este espírito de grupo se manifestou, com agressões gratuitas e pouco interesse na ação unitária. A CUT, preocupada com sua pequena base sindical real, tentou aprovar a participação na plenária de todas as pseudo-associações sindicais, inclusive de representantes das ilustres CUTs municipais e regionais — no que foi derrotada. Já um setor da Conclat teme perder o controle do encontro do dia 16.

Se este espírito mesquinho predominar, a plenária unitária corre o risco de ser um fiasco. Caberá aos sindicalistas mais consequentes, preocupados com a unidade de ação, quebrar este espírito de grupo para que o encontro represente um avanço do movimento sindical na luta pelas diretas.

Metalúrgicos lançam chapa de unidade em BH

Mais de 700 pessoas foram à sede do sindicato participar do lançamento da **Chapa 1 — Unidade e Renovação** — que concorre às eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem. A chapa **Unidade e Renovação** é composta por membros da atual diretoria e por sindicalistas de base, os que mais se destacaram na ação sindical da categoria nos últimos anos.

O fator decisivo para que esta unidade fosse possível é a própria situação da categoria metalúrgica de Belo Horizonte e Contagem. A crise econômica que vive o país se abateu de forma acentuada sobre os metalúrgicos. Inúmeras fábricas, como a Isomonte, Barmel, Fichet, cerraram suas portas. Mais de 15 mil metalúrgicos perderam seus empregos nestes últimos três anos, reduzindo de 65 mil para 50 mil a base da categoria na área.

SUPEREXPLOAÇÃO
Aproveitando-se da crise muitas empresas reduzem a jornada de trabalho e os salários de seus operários. Outras recorrem à sublocação de mão-de-obra, através de empreiteiras, rebaixando seus vencimentos e aumentando a superexploração dos trabalhadores.

Para fazer frente a esta situação os metalúrgicos de BH e Contagem necessitam de um sindicato combativo, forte e



Os metalúrgicos lotaram a sede do Sindicato para lançar a Chapa 1

que seja capaz de levar à frente as lutas da categoria. A unidade alcançada na formação da Chapa 1 reflete este anseio dos metalúrgicos. Aliado a este aspecto, deve-se levar em conta a mudança da postura da atual diretoria, que ultimamente tem-se colocado à frente das lutas, buscando uma maior democratização na gestão do Sindicato.

Exemplo disto foi o último reajuste da categoria, em outubro do ano passado, feito com base no decreto 2.045. O Sindicato tentou mobilizar a categoria contra a intransigência dos patrões. Entretanto, por falta de um efetivo trabalho nas fábricas, consequentemente do imobilismo que carac-

terizou por muitos anos a prática desta diretoria, esta mobilização se frustrou.

A Chapa 2, denominada **Oposição Sindical**, também concorre às eleições, mas não tem representatividade na categoria. É formada, em sua grande maioria, por elementos que nunca buscaram a unidade da categoria, não participando da vida sindical, nem mesmo nas campanhas salariais.

"UNIR O MÁXIMO"

Zé Vieira é metalúrgico há 13 anos e integra a Chapa 1 — **Unidade e Renovação**. Ele já trabalhou nas grandes fábricas de Contagem e hoje está na Esab, onde é cipeiro. Em 1981 foi candidato a presidente pela Chapa 2 — **União e Renovação**. Zé Vieira explica que neste momento "é fundamental unir o máximo de forças para mobilizarmos a categoria".

"O que vai orientar nossa atividade na direção do Sindicato será o programa da Chapa, que vem sendo intensamente debatido", esclarece Zé Vieira. "Neste programa nos preocupamos em ligar as lutas do dia-a-dia da categoria com as lutas gerais do povo brasileiro. Temos também uma preocupação em fortalecer a entidade e aumentar sua ligação com os operários, principalmente buscando organizações dentro das fábricas". (da sucursal)



Zé Vieira: "Unir o máximo de forças para mobilizarmos a categoria"

Na Cata Nordeste impera a ditadura contra os operários

No dia 17 de maio presenciávamos mais uma grave consequência da exploração dos patrões da Cata Nordeste S/A, empresa têxtil implantada no Pólo Petroquímico de Camaçari, que produz telas, fios e sacos plásticos.

As 14:30 horas daquele dia, a diretoria do Sindicato de Fiação e Tecelagem se encontrava na porta da fábrica fazendo distribuição de boletins quando assistiu ao operário Anivaldo dos Santos Ferreira ser expulso das dependências da fábrica, só por ter protestado contra o salário de fome que os patrões lhe impuseram. Revoltado, Anivaldo quebrou com suas próprias mãos os vidros das janelas da portaria da fábrica, desmaiando em seguida devido à grande perda de sangue.

Imediatamente a empresa deu ordem à segurança para chamar a polícia e ainda demitiu o irmão de Anivaldo que não teve nenhuma culpa pelo que aconteceu. Se não fosse o Sindicato para socorrê-lo, por certo o companheiro teria recobrado os sentidos debaixo de porrada da polícia.

Mais tarde tivemos informações de que antes de ser expulso da fábrica, o gerente de produção, Bezerrões, mandou que um segurança amarrasse Anivaldo no vestiário para espantá-lo. Não conseguindo, o segurança expulsou-o a socos e pontapés. Vilobaldo Andrade de Castro, diretor do Sindicato, garante que "os motivos que levaram Anivaldo a reagir desta forma são justos e fortes, pois ele foi admitido na Cata em 11 de janeiro como operador de extrusor e agora, após 4 meses, teve sua carteira assinada como ajudante de produção e seu salário rebaixado de 85 para 52 mil cruzeiros mensais".

"É absurda a situação de exploração a que estão submeti-



dos os 300 operários da Cata. Apesar dela estar implantada Pólo Petroquímico, se comporta como uma empresa de fundo de quintal, pagando salário mínimo aos operários e ainda alega não ter condições de cumprir o acordo coletivo da categoria" — comenta Daniel Gomes de Almeida, diretor-presidente do Sindicato.

Como se não bastasse, os operários da produção trabalham num sistema de cárcere, trancados a chave no galpão; só podem ir ao banheiro se liberados pelo encarregado.

São punições as irregularidades da Cata: a existência de apenas 3 turnos no turno obriga os operários a trabalha-

rem até 45 noites sem interrupção. Não tem médico de plantão e faltam equipamentos e remédios no Serviço Médico. A empresa também não oferece equipamentos de proteção, nem uniforme. Mas esta situação tende a mudar, pois o Sindicato já realizou assembleia com os trabalhadores, onde foi tirado um elenco de reivindicações que serão negociadas com os patrões. A revolta dos operários é grande. Anivaldo é mais uma vítima da exploração patronal. Seu sangue servirá para adubar a luta dos operários contra os abusos dos patrões. (Maria Elizete - diretora do Sindicato - Salvador, Bahia)

Habitasul demite mulher que não se vende ao chefe

Venho por meio desta relatar um fato ocorrido aqui em Porto Alegre num grupo muito conhecido no campo financeiro chamado Habitasul.

É um grupo que se dispôs a empregar mulheres bonitas e com bom nível cultural. Depois, em nome do grupo as pessoas que empregam essa mulheres fazem a "cobrança" com altas "cantadas". A gente trabalha durante 3 meses como experiência. Só que essa "experiência" que eles querem não é só no campo profissional, eles querem saber como é o seu desempenho sexual.

Em outras palavras, quando algum funcionário desta empresa diz que tem muita experiência é preciso saber se ele é um bom profissional, um bom diretor ou um conquistador de



mulheres. Eu mesma fui demitida por não ter cedido às pressões do chefe para ir para a cama com ele. Prefiro perder o emprego a me submeter

às chantagens do patrão. Foi mais uma vítima da violência sexual no trabalho. (ex-funcionária da Habitasul - Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

Na Pirelli de Santo André três categorias em greve

Na Pirelli de Santo André 3 categorias entraram em greve ao mesmo tempo, no dia 28 de maio: metalúrgicos, borracheiros e têxteis. Feito o arrastão, até os mensais aderiram à greve contra o 2,065.

Um borracheiro que trabalha há 14 anos na Pirelli e é da oposição dos borracheiros considerou o movimento justo: "Contribui para reverter as amarras do regime. Se conquistamos a unidade na fábrica, no bairro, no campo, um dia este regime tem que ceder. Na luta entre o capital e o trabalho a greve é uma das maiores armas contra o patrão que nunca pensa em ceder".

Um operário metalúrgico considerou que foi uma das

maiores vitórias dos operários da Pirelli: "Nestes 20 anos de arrocho a greve só foi possível porque houve a adesão de todo o pessoal da fábrica. O 2,065 foi derrotado na prática. A Pirelli lançou uma proposta que os companheiros consideraram uma piada".

Segundo o borracheiro, é nesta hora que os sindicatos mostram o seu papel. "O Vanderley, diretor do Sindicato dos Borracheiros, pediu para o pessoal não aderir ao movimento. Ele foi eleito pela Chapa 1 e mostra que tipo de diretor temos em nosso Sindicato" — disse ele, inconformado com a atitude do sindicalista.

(grupo de operários amigos da TO - Santo André, São Paulo)



fala o POVO

Esta em discussão em diversos setores da sociedade brasileira a preparação de uma greve geral pelas diretas-já. No dia 10 de junho, em São Paulo, será feita uma plenária conjunta da CUT e da Conclat para discutir o assunto.

Consideramos que nossos leitores, particularmente os operários e trabalhadores, não podem ficar alheios a esta discussão. Por isso esperamos que nos mandem cartas opinativas sobre essa importante questão. Essa seção é sua, amigo leitor! Aproveite-a para dar sua opinião sobre todas as questões que dizem respeito aos interesses do povo brasileiro, na luta por sua emancipação. (Olivia Rangel)

Metal Yanes vive às custas do suor dos trabalhadores

A Metal Yanes só vive às custas do sangue de seus operários. Eles trabalham das 7 h da manhã até as 17:36 h, com apenas uma hora de almoço, sem um intervalo para café.

Os operários usam máquinas velhas, sem nenhuma proteção, cortando o risco de vida. O pagamento muitas vezes é atrasado. Somos obrigados a pagar as mensalidades de um grêmio que nem existe... E não recebemos adicional de insalubridade. Os operários da fundição são os mais prejudicados, pois têm um trabalho perigoso e não recebem nenhuma proteção.

Quem trabalha à noite não recebe o adicional noturno. Quem trabalha como operador de máquina recebe salário de ajudante. E quem pede aumentos corre o risco de ser demitido sem direitos. E no fim do mês aparece tanto desconto que ninguém sabe de onde vem. (grupo de operários da Yanes - São Paulo, SP)

Conjunto 19 de Novembro comemora ligação da luz

O Conjunto Residencial 19 de Novembro comemorou neste último domingo a ligação de energia elétrica e 6 meses de ocupação.

Houve uma programação que contou com show musical para crianças e adultos, cinema e uma explanação sobre a nossa ocupação tendo como eixo central a importância da organização popular.

Somente o povo unido e organizado poderá acabar com a pouca-vezonha desse regime militar que há 20 anos mata o povo de fome, joga operários na miséria e no desemprego.

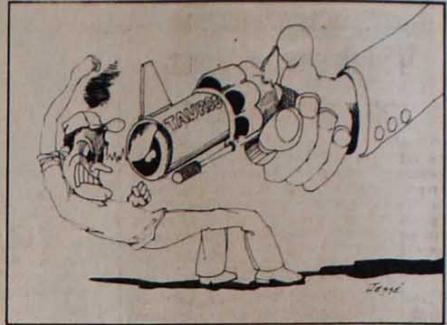
Entre essas colocações, o companheiro que usou da palavra, o "Alemaão", relacionou nossa luta pela moradia com a luta do povo brasileiro por eleições diretas-já. Colocou também que hoje comemoramos 6 meses de ocupação e a ligação de luz; amanhã estaremos comemorando a liberdade do povo e o fim do regime militar que tanto persegue o nosso povo. (moradores do 19 de Novembro - Santo André, São Paulo-SP)

Diretora de escola proíbe colagem de cartaz da UBES

Vimos através desse combativo jornal denunciar e protestar contra as atitudes antidemocráticas da diretora do Colégio Alcides Oliveira Dourado, ao proibir um grupo de secundaristas de pregar um cartaz alusivo ao XXIII Congresso da UBES.

Ela alegou que no cartaz existia uma frase sobre as diretas, e que não permitia política partidária no Colégio. Ela demonstrou inteiro descompasso com a atual realidade do país, já que as diretas são uma bandeira que aglutina vários setores da sociedade civil brasileira.

Queremos ressaltar que a atual diretoria representa os interesses políticos do partido do PDS. Afirmamos também que reações como essa demonstram o autoritarismo e falta de liberdade que vigoram em nosso país. (leitor da TO - Paratinga, Bahia)



Contra demissão na Taurus o jeito é lutar unido

A Taurus é uma empresa que não está em crise. Recentemente assinou um contrato de venda de 10 mil metralhadoras e tem um pedido grande de um modelo novo de pistola 7,65, que não está conseguindo atender. Já foram gastas mais de cem mil munições para teste dessas armas, pois são problemáticas e os chefes não conseguem cobrir os defeitos, pois em sua maioria não são qualificados e não têm experiência no ramo. Inclusive alguns operários voltaram para a fábrica porque tinham algum conhecimento a mais.

A empresa mandou embora muitos saldados, na maioria chefes. São eles: Roberto Carlos, Gervaci, Gerofe (superintendente de segurança), Paulo Fuscão Preto (subgerente); engenheiro Wilker (controle); Rubens Linhares (controle); José Leite (apontador encarregado), Cláudio (engenheiro de ferramentaria); e outros. A lista é enorme e tem muito peão também.

Mas o sanguessuga do Carlos Pipoca continua por ser gerente de produção e testa-de-ferro dos militares. E tem mais; o aced-duro José Amaro Mendona continua com seu trabalho junto com o Mala Velha e o Ze Telesp, da noite, que vive perseguindo os peões. Até de madrugada ele liga para a casa do Pipoca para entregar os companheiros.

A Taurus abriu 150 vagas de operador de máquina de produção, e está pondo os companheiros antigos no olho da rua. É a velha tática dos patrões. Eles pensam que nos amedrontam. Já nos avisaram que até agosto a Taurus muda porque foi comprada pela Imbens.

Não temos esperança a não ser a união dos companheiros. Apesar das denúncias feitas nos jornais e no sindicato tudo continua o mesmo. São enormes os processos trabalhistas e o índice de acidentes é altíssimo. (grupo de operários da Taurus-São Paulo, SP)

Só quem luta se faz respeitar, diz Sindicato

O clima de terror e medo sacudiu novamente a Editora Abril nos dias 17 a 21 de maio, quando cerca de 50 funcionários foram demitidos; e pelo menos mais 20 serão cortados nos próximos 4 meses.

Ao tomar conhecimento das demissões, o Sindicato dos Empregados em Editoras e Livros convocou uma assembleia de todos os funcionários. Após discutir a situação diante da intransigência da direção da empresa, a assembleia decidiu entrar em greve reivindicando: fim das demissões; readmissão dos demitidos; discussão e mudança da política editorial da empresa.

Esta greve foi a primeira realizada na empresa contra as demissões e contou com a adesão de outras áreas além da edito-

rial, atingindo de 60 a 70% dos funcionários.

A greve que se encerrou na assembleia do dia 21 ao meio-dia não atingiu seus objetivos, mas reafirmou a convicção de que é preciso manter-se unidos e organizados na defesa da dignidade profissional.

Como concluiu um folheto dos grevistas, "Nossa mobilização deve se manter. Sabemos que somente com uma política editorial que tenha também como objetivo a manutenção do emprego poderemos trabalhar mais tranquilos. Enquanto isso, devemos nos manter alertas, repudiando as tentativas de desmoralização do nosso movimento e de novas formas de organização, especialmente do Sindicato. Só quem luta se faz respeitar". (Divo Guisoni, diretor do sindicato-São Paulo, SP)

Construção é vitoriosa no CA de Engenharia Civil

Foram realizadas, nos dias 8 e 9 de maio, eleições para o Centro Acadêmico de Engenharia Civil da Universidade de Fortaleza, o segundo maior curso em número de alunos. Com uma participação expressiva dos estudantes de engenharia (70% votaram) saiu vitoriosa a chapa Construção com 62 votos de maioria sobre sua oponente.

A vitória de Construção representa um grande avanço para o movimento estudantil da Unifor. Fomos eleitos em cima de um programa que lutará não só pelas questões específicas, como levará a discussão política dentro do nosso curso.

Empossou a diretoria eleita o diretor do Centro de Tecnologia, Prof. Costinha. Ele entregou a palavra ao novo presidente da entidade, Donizete Arruda, que ressaltou a responsabilidade do cumprimento do nosso programa, e integral apoio à luta pela estabilidade dos nossos mestres e a continuidade da luta pelas diretas-já. Homenageamos Francisco

Lopes, vereador do PMDB, pelo apoio dado na luta vitoriosa da nova linha de ônibus ligando os dois campi - Pici-Unifor. Também foram homenageados dois deputados federais, representando os oito parlamentares ree eleitos que se manifestaram a favor das diretas-já: Paes de Andrade, que fez um discurso emocionante contra a conciliação e Lúcio Alcântara, do PDS, que se comprometera a votar a subemenda que ora tramita no Congresso restabelecendo as diretas.

Falando em nome dos nossos mestres, o prof. Nelson destacou a importância de termos eleições diretas. Terminada nossa solenidade, algumas pessoas cantaram "Coração de Estudante". Entre nós ficou a certeza da necessidade de reconstruirmos o DCE para levar adiante as lutas gerais dentro da nossa universidade. (Roberto Marinho-Secretário de Imprensa e Divulgação - Caixa Postal 1258, CEP 60.000 - Fortaleza, Ceará)

Reconstruída a UEE de Goiás com solenidade

A diretoria da UEE de Goiás eleita no congresso de reconstrução da entidade, realizado nos dias 11, 12, e 13 de maio, tomará posse no próximo dia 31 na sede da OAB seção Goiás. Está marcada para o mesmo dia uma seção especial na Câmara de Goiânia quando será saudada a reconstrução da entidade dos universitários goianos.

Numa de suas primeiras notas à imprensa da UEE-GO manifestou total apoio à greve dos professores de 1º e 2º graus do Estado e do município, ao movimento grevista desencadeado pelos professores na Universidade Federal de Goiás, assim como à greve dos funcionários. A UEE considera justas suas reivindicações. (amigo da TO - Goiânia, Goiás)

Grileiro manda cortar cabeças

O latifúndio massacró mais uma família de posseiros, em Canavieiras, sul da Bahia. João Celestino e os filhos tiveram as cabeças quase decepadas, a golpes de facão. Sua mulher ainda conseguiu fugir de casa, mas foi abatida do lado de fora. Seu corpo foi achado dias depois. Testemunhas acusam o fazendeiro e advogado Paulo Feitosa de mandante do crime.

Dois meses antes, o posseiro fora ameaçado de morte. Deixou a mulher na roça e foi trabalhar como assalariado. Voltou dia 17 de março e naquela mesma noite, entre 21 e 22 horas, a família foi arrancada do sono para ser trucidada por cinco homens. Três deles — Giltácio da Conceição, José Raimundo da Conceição e Derivaldo Silva Santana — se entregaram e agora, presos na cidade de Itabuna, apontam o mandante: Paulo Feitosa, cujas terras circundam a posse de João Celestino, de apenas 5 hectares.

Os três relatam que o próprio grileiro falou para se apresentarem à polícia. "Doutor Paulo disse pra gente não o acusar, que na Justiça a gente tem que mentir e que ia nos livrar. Falou para a gente negar que ele tinha mandado o crime" — conta Giltácio. Depois descobriram que era uma armadilha, não seriam libertados. Então, abriram o jogo.

José Raimundo conta a sua versão do fato: "Estava em casa quando Donildo e Zé Luiz chegaram dizendo: 'Vamos fazer uma sanzala (festa)'. Como a gente não queria, eles botaram o revólver em cima. Nós tínhamos o facão, eles dois facões, faca e dois revólveres. Estavam bêbados. Ficamos 40 metros de distância da casa e só ouvimos a zuada e os gritos. Voltamos. O doutor Paulo levou os dois para Una (município vizinho), trocou um cheque na casa do comerciante César e deu para Donildo e Zé Luiz".

28 mortos na guerra do sul da Bahia

Mais de dois meses depois, apesar de todas as evidências e da acusação dos três, ainda não foi pedida a prisão preventiva do advogado Paulo Feitosa. Em vez disso foi abatido a tiros, Daniel Gonçalves, que tinha uma posse vizinha à de João Celestino. Os próprios presos estão sob ameaça de morte. Segundo Giltácio, o doutor Paulo afirmou à sua mãe que "se a gente estivesse solto estava morto".

Canavieiras, aparentemente, está tranqüila. Mas um relatório da Comissão Pastoral da Terra narra que "todos que vão depor são depois ameaçados, muitos posseiros estão saindo de suas áreas e indo para a vila. Tem gente armada para saber quem é contra ou a favor de Paulo Feitosa".

O delegado de polícia alega



Os três jagunços presos denunciam que o grileiro comandou a matança

OPINIÃO

Srs. Algozes

Cabeças cortadas na luta pela terra em Canavieiras como na Guerrilha do Araguaia, na Cabanagem, no suplicio de Tiradentes. A tradição macabra espelha bem a selvageria das classes que nos exploram. E estes mesmos senhores louvaram a *indole cordial e pacífica dos brasileiros, a conciliação, o entendimento, e tacham de radicalismo o povo erguer a cabeça!*

Não, senhores, cortadores de cabeças! Os operários e camponeses desta terra já os conhecem. Não caem nessa conversa mole. E recai sobre os senhores toda responsabilidade pelo radicalismo que, muito compreensivelmente, explode nos conflitos de classe, ora no campo, ora nas cidades.

Não se iludam, senhores caríssimos. Nenhuma violência impedirá que o povo se levante e liquide esta ordem injusta.

"não saber de nada". O juiz Osvaldo Souza Pereira não quer conversar sobre o caso. O prefeito Boaventura Cavalcante, do PDS, lava as mãos do sangue que corre no município: "Eu não me meto nessas brigas; chega aqui, eu mando para o delegado".

Contudo a chacina de 17 de março não é um fato isolado. A guerra que os grileiros movem no sul da Bahia matou 28 pessoas de 1977 a 1983, entre posseiros, índios e assalariados. Só no ano passado foram nove mortos, informa a CPT de Itabuna.

No mesmo mês do massacre, uma liminar concedida pelo juiz Osvaldo Souza Pereira serviu de pretexto para a polícia invadir a área de Poxim, cobiçada pelo grileiro Abdala Habib e habitada por 70 famílias de posseiros. O próprio oficial de Justiça ajudou a polícia a derrubar as plantações.

Não houve resistência porque os posseiros não estavam na área. Mas dias depois o latifúndio le-



A mulher de João Celestino tentou fugir; foi morta e mutilada mesmo assim

vou a pior num confronto. Surpreendidos por 14 pistoleiros numa emboscada, os lavradores reagiram a bala. No fim do tiroteio, dois pistoleiros estavam mortos — fato inédito após um longo período de assassinatos e violências impunes (ver TO nº 163).

Abdala Habib chama os lavradores de Poxim de ladrões e diz que vai ganhar as terras de qualquer maneira. Contratou pistoleiros até em São João, por um salário fixo e mais um bicho por cada morte.

No fim do tiroteio um fato inédito

O camponês Manoel Messias dos Santos, oito filhos, conta como foi a destruição: "Vieram armados, dez homens, de fuzil e até metralhadora". José Lopes



Casa de farinha destruída no Poxim: "Vieram tudo armado, dez homens..."

"Ninguém sabe, nem viu..."

As informações desta reportagem foram colhidas durante a viagem de uma Comissão Especial da Assembleia Legislativa da Bahia, que viajou a Itabuna e Canavieiras por proposta do deputado estadual Luís Nova.

Em Itabuna, os cinco deputados membros da Comissão entrevistaram-se com o bispo Dom Paulo Faria Lopes, com o delegado municipal, Pedro Marques e com os pistoleiros presos. Apenas dois deputados, Luís Nova e Coriolano Sales, do PMDB, seguiram viagem até Canavieiras e Vila do Poxim. No fórum da cidade, não encontraram aberto o inquérito sobre os três posseiros assassinados em 1983 — Romaldo Nascimento, Manoel Cândido de Oliveira e João Oliveira dos Santos. O delegado de polícia, José Antônio do Nascimento, alegou que os dois primeiros "morreram de morte natural". Já no caso de João Oliveira, admitiu que houve uma emboscada, "tiros, caiu um e outro, e um foi morto", mas que "não teve

queixa, ninguém sabe, ninguém viu".

No Poxim, os parlamentares visitaram os 3 mil hectares ocupados pelos posseiros com plantações de mandioca, guaraná, banana, cana, legumes e cereais. "Se qualquer autoridade chegar aqui vai ver o nosso trabalho, as nossas plantações", disseram os lavradores.

Sales e Nova entraram também na mata, onde os posseiros mostraram o *toyota* crivado de balas e incendiado.

Para Luís Nova, "os posseiros da região confirmaram a regra da luta contra o latifúndio. São homens bravos, trabalhadores e desbravadores. Sua luta é mais uma demonstração da necessidade de fazer uma reforma agrária em nosso país". Já Coriolano Sales afirmou à TO: "Ainda me assustam a impunidade e, em consequência, a ausência de apuração para um elevado número de crimes na região, a omissão talvez deliberada das autoridades que teriam o dever de apurar os atos de violência".



Sales (esq.), Nova e o toyota crivado de bala, troféu da batalha

Sertanejas exigem "sementes já"



Mulheres da terra natal de Maria Quitéria honraram a tradição da heroína da Independência

Uma fato incomum movimento a cidade baiana de Feira de Santana na segunda-feira, dia 28: cerca de 300 mulheres dirigiram-se em passeata à Prefeitura, aos gritos de "Sementes já!" e "Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos posto médico e semente pro plantio!" Entregaram ao prefeito, do PDS, um abaixo-assinado exigindo a distribuição imediata e sem apadrinhamento das sementes de milho e feijão, além da instalação de um posto médico no povoado de Pé de Serra.

A manifestação foi promovida pela União de Mulheres de Pé de Serra, do distrito de Maria Quitéria, terra natal da heroína da Guerra da Independência na Bahia. A entidade, surgida a partir de discussões sobre a situação da mulher, decidiu ir à luta diante do jeito como se fez a distribuição das sementes, agora que as chuvas trouxeram nova esperança ao sertão. Segundo as manifestantes, muitos homens e

mulheres foram à sede do distrito e esperaram horas na fila, para receber meio litro, um litro, no máximo dois litros de semente. Enquanto isso, os apadrinhados do PDS receberam dez e até 20 litros. Maria Luiza denunciou que o administrador do povoado, João Felipe, nomeado pelo PDS, pagou os trabalhadores da sua roça com feijão recebido do governo...

Como o prefeito de Feira de Santana disse que quem tem as sementes é o governo do Estado, as mulheres de Pé de Serra pretendem continuar a luta até conseguirem as sementes, antes que passe o período de plantio.

ACAMPAMENTO VITORIOSO
Enquanto as mulheres de Pé de Serra se manifestavam, mais de 500 lavradores de 23 municípios baianos acampavam em Salvador, em frente à Camab (órgão do governo do Estado), reclamando 50 toneladas de sementes prometidas e não entregues. Eles chegaram em ônibus fretados,

com barracas e comida. "Deus está fazendo a sua parte, falta a das autoridades" — dizia uma das faixas levadas pelos camponeses. As chuvas têm caído regularmente no sertão, as terras já estão preparadas para o plantio, mas não há sementes. Os agricultores reclamaram também de que a distribuição é feita por caciques políticos locais, que só beneficiam os seus protegidos e não atendem aos que realmente necessitam. E como se não bastasse, denunciaram que os primeiros a receber sementes ganharam sacos de cinco quilos que na realidade, pesados na balança, tinham apenas quatro quilos e meio.

Finalmente, na tarde de terça-feira, dia 29, os manifestantes acampados conseguiram a liberação de 24 toneladas das preciosas sementes e decidiram suspender o acampamento, voltando a seus lugares de origem. (das sucursais de Feira de Santana e Salvador)